

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 32

Nº 193

NOVEMBRO - DEZEMBRO

2013

(Não aderimos ao acordo ortográfico)

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	5
1500-592 Lisboa	Setenta vezes sete	6
Telefone : 217 647 441	Dividendos da Esperança	11
*	Excertos dum conto de Natal	13
Director Responsável :	O regresso dos pais autorit.	16
Manuela Vasconcelos	Natal (Poema)	23
	Páginas do Passado	24
*	Um dia, eu tive um sonho...	26
Tiragem : 150 exemplares	História de um pão	29
	À Virgem Santíssima (son.)	32
	Natal	33
Distribuição Gratuita	Boas-Festas	36
*		

Registo nº.211720

Depósito Legal Nº. 13972

EDITORIAL

O calendário está quase, quase a virar a sua folhinha, para nos revelar os dias de um novo ano, e antes que tal aconteça paramos um pouco a recordar os factos mais significativos deste outro, que está ainda a decorrer, procurando analisar o que poderia ter sido diferente, o que poderia ter sido melhor, se tivéssemos estado mais atentos, e aquilo em que conseguimos melhorar-nos... e a palavra que nos acompanha em todos esses momentos que recordamos é sempre a mesma: CRISE. Crise... de quê?

Crise de necessidades... de hábitos... de costumes? Crise de melhoramento... de consciências... de amor ao próximo?... Crise... de sermos mais prestativos, de procurar sermos menos egoístas... de procurarmos dizer “sim” quando um apelo para auxílio de qualquer espécie chega até nós? Crise de nos darmos enquanto esperamos que os outros estejam sempre prontos a atenderem-nos?!

E neste “exame” rápido o nosso dedo duro apontamos várias situações em que poderíamos ter sido diferentes, da mesma maneira que o dedo de qualquer um o fará, se se debruçarem a fazerem o mesmo que nós fizemos porque, há sempre, no dia a dia de cada um e no seu comportamento, a possibilidade de sermos melhores, de estarmos mais atentos ao que poderemos fazer uns pelos outros... e a palavra que nos acompanha a todos, grita-nos que o mal maior é o provocado por nós próprios quando não queremos melhorar-nos, quando nos mantemos “cegos” de cada vez que nos recusamos a ver o que se passa para além... para além do nosso umbigo!

Honestamente, para além das dificuldades maiores que bateram à porta de uns e outros, para além do desemprego que desespera a tantos dos nossos irmãos, pensamos que esta crise – diferente de muitas outras que vivemos anteriormente, em espaços maiores ou menores, esta crise demora mais porque o “estrangeiro” invadiu-nos, começou a mandar na “nossa Casa”... coisa que nem o próprio Marquês de Pombal, no seu tempo, deixou que os espanhóis fizessem!

Mas nenhum estrangeiro tem a ver com a maneira despreocupada como alguns de nós começámos a viver, dando – como sói dizer-se – o passo maior que a perna!... e a par das “facilidades que nos outorgámos, vieram os desvios da sã moral que estávamos habituados a viver, levando alguns a um descabro que os faz chorar, agora, lágrimas de sangue!

Então, queiramo-lo ou não reconhecer, a crise maior é a moral... e enquanto não aprendermos a viver, recuperando os valores perdidos daquilo que já soubemos e vivemos, a crise manter-se-á porque, pequeninos como o nosso País, nós só somos grandes no comportamento, no amor ao próximo, nas lições que fomos dando ao mundo, apagando-nos para nos engrandecermos! Quanto mais depressa o compreendermos e aceitarmos, mais depressa nos libertaremos da “sementeira” que fomos fazendo!

*

No fim de semana de 16 e 17 de Novembro aconteceu em Leiria mais um Congresso Nacional de Espiritismo... e pensamos que, para além da troca de ideias e de experiências, para além dos temas mais ou menos aliciantes, embora todos eles à volta de uma mesma palavra – MEDIUNIDADE -, conta muito o encontro que se dá entre todos nós... e se um Congresso não valesse por mais

nada – o que não foi o caso – vale sempre pela possibilidade de se reverem aqueles companheiros de jornada, que vivem mais distantes, e que vão comparecendo, tal como nós! E é sempre gostoso o abraço que se troca e o sorriso com que nos brindamos uns aos outros!

Gostámos do Congresso, gostámos dos trabalhos, admirámos a organização, onde tudo esteve impecável (pelo menos naquilo que observámos), gostámos da prontidão com que as refeições foram servidas e do sabor das mesmas. Não gostámos do tempo de apresentação dado a cada orador, que, invariavelmente, foi sempre cortado na revelação do seu trabalho. Num Congresso, devia ser obrigatório que o tempo mínimo de apresentação fosse de 40/45 minutos. Fica aqui o registo, talvez para que Comissões futuras o possam ter em conta.

Emocionámo-nos com os cânticos apresentados pelo Coral da FEP, com 50 pessoas em palco, representando os diversos Centro Espíritas do País, qual deles o mais belo, e chorámos com aquele que sempre consideraremos a homenagem aos descobrimentos e a Heilil. Sentimos, na vibração que a todos nos envolveu, a presença de muitos dos Amigos espirituais que continuam a amar Portugal... e regressámos aos nossos lares com aquele pensamento que nos acompanhou durante o rodado pela estrada: assim, vale a pena!

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

39 – O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluídos espirituais e sua acção sobre a matéria. Demonstrou a existência do **perispírito**, suspeitado desde a antiguidade e designado por São Paulo pelo nome de **corpo espiritual**, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabemos hoje que esse invólucro é inseparável da alma, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo de transmissão do pensamento e, durante a vida corporal serve de liame entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e num sem-número de afecções, que se relacionam com a Fisiologia e a Psicologia.

40 – O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à ciência e fornece a chave para a compreensão de uma multidão de fenómenos até então incompreendidos pela falta do conhecimento da lei que os rege – fenómenos negados pelo materialismo por se ligarem à espiritualidade e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre outros muitos, os fenómenos de vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos, da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc.. Demonstrando que esses fenómenos repousam em leis tão naturais como as dos fenómenos eléctricos e as condições normais em que se podem reproduzir, o Espiritismo fez derrocar o império do maravilhoso e do sobrenatural, e,

consequentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se fazer crer na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras cuja impossibilidade e insensatez ele demonstra.

(Continua no próximo número)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).



Submetei todas as vossas acções à prova da caridade, e a vossa consciência vos responderá: não somente ela evitará que façais o mal, mas ainda vos levará a praticar o bem. Porque não basta uma virtude negativa, é necessária uma virtude activa. — PAULO : Evang. S/Espiritismo, cap. XV.



SETENTA VEZES SETE

Há uns anos atrás, deslocando-nos à baixa, assistimos ao movimento de um locutor que, de microfone na mão, se dirigia a uns e a outros com um conversa de que não conseguimos aperceber-nos do sentido; entretanto, uma semana mais tarde escutámos, num dos canais da nossa TV, o passar dessas mesmas entrevistas ou conversas que serviam, afinal, para apresentação de um novo programa religioso.

E, à pergunta do locutor, do que significava para um e outros dos entrevistados a frase “setenta vezes sete”, as respostas mais dispares foram surgindo, como desde a taboada de uma conta de multiplicar à criação de um novo imposto, um novo programa... e só um, de todos os entrevistados, respondeu que talvez tivesse a ver com qualquer coisa religiosa.

Ficámos surpreendida, na altura, e um pouco tristes também: é que Portugal prima (ou primava) por ser um País de fé, fé essa que se encontra nos próprios compêndios da História: já durante os nossos estudos da História de Portugal, no reinado de D. Afonso Henriques, tomávamos conhecimento da maneira como ele sempre se preparava nas vésperas dos combates, orando ao Senhor. Onde estava, então, naquele instante, a fé dos interrogados para que nenhum deles recordasse naquelas palavras a resposta de Jesus para Pedro, sobre a necessidade do perdão?

E é recordando o silêncio dos inquiridos daquele instante que vamos dissertar um bocadinho, escrevendo sobre o perdão que, quando sincero, está sempre baseado no amor, enquanto que artificialmente usado é, ainda, uma manifestação do egoísmo que nos reveste o coração: perdoamos apenas com os lábios, apenas para que não nos incomodem ou não nos incomodarmos mais, continuando a viver uma situação momentânea talvez constrangedora; se for possível, decorridos diversos anos, ainda estaremos a recordar a atitude durante a qual afirmámos ter perdoado mas que ficou, como um marco – ainda que negativo – a assinalar determinado momento da nossa vida.

O que é o perdão? E... será ele mesmo tão importante que Jesus teve de o referir como uma necessidade premente (*perdoar não sete vezes mas setenta vezes sete vezes significando, portanto, com estas palavras, que se vede perdoar SEMPRE?!)*... Mas

perdoar como e porquê se a nossa imperfeição o concede a quem entendemos que nos ofendeu para, entretanto, continuarmos a recordar a atitude que afirmámos ter desculpado?

Quando o Senhor nos criou, deixando em nós “a semente maravilhosa do amor”, para que a fossemos desenvolvendo, na nossa imperfeição que fizemos com ela? Deixámos que fosse secando, enquanto procurávamos uma “terra boa” para a colocarmos? Fomo-la distribuindo sem condições, transformando-a numa coisinha banal de que não se sabe o uso que fazer?... ou arrumámo-la num qualquer canto de uma qualquer “gaveta”, aguardando dias melhores?...

Algumas vezes nos lembrámos já que o perdão, para ser sincero, tem de estar **sempre** baseado no amor? E que, quando se ama, tudo se aceita, tudo se compreende... tudo se perdoa, portanto?

Será que já fomos capazes de pensar de como o perdão põe à prova os nossos bons sentimentos, compreensão, tolerância, - precisamente porque, de cada vez que o damos estamos realmente a manifestar o como e quanto somos capazes de amar?

Por vezes, do “alto da importância que nos damos”, consideramos que podemos **conceder** o perdão... como se essa concessão que (pensamos) generosamente revela a nossa maneira de ser, significasse algo de extraordinário que só um ser por excelência seria capaz de demonstrar!

Como somos ainda imperfeitos!

Quando Jesus refere a necessidade de amar os nossos inimigos (não da maneira como amamos os amigos mas dando-lhes a nossa compreensão e simpatia, demonstrando ou

experimentando com eles a capacidade da convivência) não estaria Ele pensando que quanto mais perdoarmos mais estaremos demonstrando que amamos? Não deu Ele a manifestação maior do perdão para com todos nós quando, do alto da cruz onde infamemente O colocámos, pediu para o Senhor “*Perdoa-lhes, Pai, que eles não sabem o que fazem!*”? E, a essa manifestação, não poderemos – cada um de nós, quando mais culpado se sinta – chamar amor? Amor indimensionável, amor capaz de se doar totalmente, doando até a vida – amor desinteressado porque o deu em troca de nada?...

Debruçamo-nos sobre a conduta de Jesus (e logo aqueles que mais querem justificar as suas atitudes injustificadas, objectam: “Mas Ele foi Jesus e eu não o sou!”) e, recordamos aquelas atitudes que por vezes surgem e das quais reclamamos como se da maior ofensa contra nós perpetrada, perguntando-nos o que será necessário mais para seguirmos o exemplo d’Aquele que tanto nos deu? E as palavras mil e uma vezes escutadas e repetidas “eu não sou Jesus” fazem eco dentro de nós: quantos mais anos, lustres, séculos terão de acontecer até aprendermos a ser como Ele? Quando nos compenetraremos de que, embora “o escândalo seja necessário”, temos de agir de maneira a não sermos nós os instrumentos do seu despoletar? Quando nos compenetraremos (e repetimos as palavras) de que, em vez de julgarmos, temos de aceitar cada um como ele é – porque somos todos imperfeitos e devido a essa imperfeição que carregamos ainda connosco é que nos encontramos na Terra, não para julgarmos o nosso companheiro de jornada mas para aprendermos com ele o que ele tiver de bom para nos transmitir enquanto, na nossa conduta talvez melhor, outros mais irão buscar a fonte de inspiração para atitudes que, por bem observadas, poderão tornar-se mais nobres que as nossas, onde uns e outros foram buscar o exemplo?

Nas palavras da oração que Jesus nos ensinou – Pai Nosso –, encontramos a necessidade do perdão com uma condicionante: se queremos ser perdoados por Deus, temos nós de perdoar primeiro; entretanto, enquanto vamos repetindo essas palavras uma e mais vezes, meditando até sobre o seu significado, quantas vezes não pensamos – impulsionados pelo orgulho que nos escraviza ainda – que aquilo que nos fizeram é **absolutamente imperdoável** enquanto que, para Deus nos perdoar, esse gesto divino nada mais será que uma espécie de obrigação, dado que Ele nos criou e é responsável por nós?!... A nossa liberdade, da qual somos os únicos responsáveis, a nosso ver nada mais é que uma espécie de escudo com que nos defendemos quando nos apetece e, não bastas vezes, desculpando-nos que temos muito de caminhar e as atitudes que criamos são apenas consequência da infantilidade que portamos ainda?!... essa mesma infantilidade que não aceitamos **em mais ninguém** porque, tolerantes com a nossa imperfeição exigimos, entretanto, dos outros, a perfeição que nos recusamos a ter, a aceitar e/ou a assumir ao trecho do caminho onde os nossos passos já nos colocaram...

Perdoar, então, tem de ser – deve ser – um sentimento constante e bem vivo a cada hora do nosso dia porque, só quando aprendermos a amar verdadeiramente o nosso próximo – ame-nos ele ou não – só então deixaremos de ter de nos preocupar com a concessão do perdão (não de **um** perdão) porque, tal como lemos numa das epístolas de Pedro “*o amor cobre a multidão dos pecados*”... E se perdão é amor, então amemos, ainda que em troca de nada!

MANUELA VASCONCELOS

DIVIDENDOS DA ESPERANÇA

**As vicissitudes são credoras impiedosas criadas
por nós mesmos**

*“(...) Doce é amar e perdoar sempre!
Sublime é a fé e dadivosa a esperança.”*
- ANDRÉ LUIZ

Em sua peregrina sensibilidade, lecciona Meimei: *“Se não repararmos as rosas que desabrocham nos espinhos, os espinhos da luta jamais permitirão a colheita sublime das rosas da perfeita felicidade.”*

O Espiritismo, além da feição *consoladora* que é uma das suas principais características, esclarece os enigmas da vida e recoloca para nós, sob a luz da verdade, o que é certo e o que é errado; portanto, mostra-nos o que pode resultar em nosso benefício e o que pode gerar malefícios à nossa economia espiritual...

Infelizmente, no estado actual de desenvolvimento das criaturas, são pouquíssimas aquelas portadoras de suficiente descortino mental para entender que somente as provas bem suportadas é que poderão conduzi-las às regiões superiores da emancipação espiritual.

Não devemos sentir-nos descoroados com as vicissitudes que são credoras impiedosas, criadas por nós mesmos, com os equívocos cometidos no nosso passado de ignorância e trevas...

Conhecendo os quadros provacionais de quantos estão aprisionados no corpo físico em situações semelhantes aos terrestres, é que os Benfeitores Espirituais se afadigam em levar o facho do esclarecimento às nossas sendas.

O Pentateuco Kardequiano foi erguido com os ingredientes da sabedoria dos Espíritos, e entre as muitas pérolas luminescentes ali engastadas, destacamos a de François de Geneve, na qual podemos aprender o seguinte¹:

“(...) Se, no curso desse degredo-provação, exonerando-vos dos vossos encargos, sobre vós desabarem os cuidados, as inquietações e tribulações, sede fortes e corajosos para suportá-los. Afrontai-os resolutos. Duram pouco e vos conduzirão à companhia dos amigos por quem chorais e que, jubilosos por ver-vos de novo, entre eles, vos estenderão os braços, a fim de guiar-vos a uma região inacessível às aflições da Terra.”

No diapasão do mesmo raciocínio, Emmanuel esclarece-nos com seu habitual tirocínio²: *“não recebeste as vantagens que pediste; não reténs a afeição que sonhaste; perdeste provisoriamente as tuas possibilidades de promoção; a pessoa, cuja companhia mais desejavas, desapareceu de teus olhos... Não te revoltes. Espera e serve! O tempo te falará como tudo isso te fez feliz”*.

Aninhemos a esperança nos mais íntimos refolhos d’Alma, esparzindo consolações em derredor, oferecendo braços amorosos a lenir corações aflictos através das suaves emanações da caridade, atendendo, destarte, ao conceito máximo da filosofia cristã: *“amai-vos uns aos outros”*.

Assim procedendo, ensejaremos a Jesus o acesso à nossa morada íntima para que Ele nos possa conduzir com segurança através do proceloso oceano de inquietações e desassossegos, atingindo, por fim, com Ele, o porto da paz imperecível.

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Seg. o Espiritismo*. 129 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2009, cap. V, item 25;

2 – XAVIER, F. Cândido. *O Livro da Esperança*, Emmanuel. 20..ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2008, cap. 12.

ROGÉRIO COELHO

(Mauriaé – M Gerais – Brasil)

EXCERTOS DUM CONTO DE NATAL

Bate o mendigo a uma porta e fala
Com uma voz que geme, treme e exala
Todo o cansado frio e a velha fome
Eu o seu corpo tristíssimo consome:
- Irmão, peço poisada. É um mendigo
Que foi, um dia, o teu melhor amigo,
E que a Dor imortal, com desenganos,
Envelhecendo anda há dois mil anos!
Dar-me-às do teu lume e do teu pão
E mais da tua caridade, irmão.

Morri por ti, pregado numa cruz.
Abre-me a tua porta, Sou Jesus...

E de dentro da casa, onde bateu,
Eis que uma voz assim lhe respondeu:
- O meu pão vem das terras onde cavam
Cavadores que eu pago e ma desbravam:
É para a minha mesa, é p'ra meus dentes
Que o mastigam agudos e contentes.
O meu lume é só meu. O lenhador,
Que é o meu servo, como cavador,
Abate as minhas árvores, trabalha
Para me dar conforto, e me agasalha.
E o sol amadurece o pão que é meu,
Que apenas para mim floriu, cresceu,
E enrijo cada árvore tamanha
Que me dará, em cada Inverno, a lenha.

Lume e pão são para mim. Não quero dar!
Tu és Jesus? Mas nunca ouvi falar...

Vai Jesus pelas ruas da Cidade,
Sozinho, preso de uma ansiedade,
Que era lembrar a voz que lhe falara
Pela boca do Rico dura e avara
Antes causar-se p'lo caminho escuro,
Labutar e perder-se e, mal seguro,
Descansa pelas granjas ao relento,
Coberto e agasalhado pelo vento,
Mas as ruas andavam povoadas
De sombras aflitivas e curvadas:
Uma senhora, com um véu p'elo rosto.
Toda de luto, ali se tinha posto
Silenciosa e silenciosamente,
Uma mão estendia para gente.
Esfrangalhada toda, toda enfezadinha

Com a voz de sono, uma pobrezinha
Disse a Jesus, que se compadecesse,
- Ele não tinha nada que lhe desse...
E Jesus, debruçado p'ra mendiga
Numa ternura comovida e antiga,
Com mão de avó, consoladora e boa,
Com seu gesto de outrora, acariciou-a...
Oh! Desgraçado! – foi Jesus pensando
Entre as alas pobres caminhando –
Oh! Desgraçado do mendigo triste
Que na Cidade pede esmola, existe!

Estes presos da Rua nem conhecem
As árvores, as aves que enternecem,
A natureza cândida que estreita
A Dor nos braços e nenhuma enjeita!
Boquiabertos defronte das vitrinas
Roçam pela dureza das esquinas,
E nada sabem dos leais afagos
Da ave que canta e do perdão dos lagos...

E no Campo, seria que Jesus,
Que morreu pelos pobres numa cruz,
Acharia o irmão risonho e amigo
Que, p'la doçura do Verbo antigo,
Das parábolas doces se lembrasse
E, por elas feliz, o agasalhasse
E da cidade trágica fugindo
Jesus foi caminhando, foi seguindo.

AFONSO LOPES VIEIRA

(In: Natal... Natais – Antologia de Vasco Graça Moura)

O REGRESSO DOS PAIS AUTORITÁRIOS

“É fácil dizer como *os filhos dos outros* devem ser educados.” – AUGUSTO CURY

Os pais têm de recuperar a autoridade perdida e deixarem de querer agradar aos filhos, ou o mundo estará perdido – afirma um dos mais famosos pediatras do mundo.

Confesso que ia um bocado amedrontada. Afinal, ia entrevistar um dos homens responsáveis por um dos maiores escândalos educativos das últimas décadas, o homem que defendera a urgência do regresso ao poder dos pais, contra os todo-poderosos filhos.

Acusado de tudo, de fascista para baixo, o **pediatra líbio-francês Aldo Naouri** diz que os pais se demitiram do seu papel de educadores e, em vez disso, se dedicam a satisfazer a criança, com o único desejo de se fazerem amar. Diz que confundimos frustração com privação. Diz que transmitimos à criança que não só pode ter tudo como tem direito a tudo, içando-a ao topo do edifício familiar, onde ela nunca esteve e onde nunca deveria estar. Diz que um filho hoje não é criado para se tornar ele próprio, mas para gratificar e servir o narcisismo dos pais. Diz que estamos perante uma epidemia que encoraja os pais a seduzirem as crianças, tornando-as assim em seres obsessivos, inseguros, amorfos e emocionalmente ineptos, que não sabem gerir as suas pulsões e são incapazes de encontrar o seu lugar no mundo.

Em resumo, esperava alguém mais parecido com o Deus do Velho Testamento, que me recebesse com raios e coriscos, ou, pelo menos, com uma praga de gafanhotos. Em vez disso, recebeu-me com um sorriso só equivalente ao sol de Lisboa, agarrou-me na mão, perguntou-me por que é que não tinha filhos e assegurou-me que os homens são todos uns egoístas. “Portanto, madame, é só escolher um! São todos iguais!”

Por entre gargalhadas, falou-se de coisas muito sérias, como aquilo que andamos a fazer às crianças. Ora leiam.

- Então, nada de democracia para as crianças?

Não. É fundamental que estejam numa relação vertical: os pais em cima, as crianças em baixo. Porque há uma diferença entre educar e criar. Criar é dar-lhe os cuidados básicos, dar-lhe banho, alimentá-lo, etc.. É como criar galinhas. Educar é haver qualquer coisa que não existe e que é preciso formar. Por isso a criança não está nunca ao mesmo nível dos pais, não pode haver uma relação horizontal. Se quiser compreender o que se passa na cabeça de uma criança numa relação horizontal, imagine o seguinte: você está num avião, e o comandante vem sentar-se ao seu lado. Você pergunta: “mas quem é que está a guiar o avião?” E ele diz: “Ah, é um passageiro da primeira fila que eu pus no meu lugar.” A criança tem necessidade de alguém acima dela.

- As mães não se escandalizam com a mudança de hábitos que aconselha?

Nada disso. As mães estão petrificadas na sua angústia e precisam de se libertar. Eu digo: ‘mas não vale a pena angustiarem-se dessa maneira, ser mãe é muito mais simples do que vocês pensam.’ Digo-lhes que não vale a pena viverem preocupadas porque a criança não come, não dorme, ou vai ter ciúmes do irmão. Dou-lhes conselhos básicos e fáceis de seguir e

tento fazer com que simplifiquem ao máximo as suas vidas. O que eu quero é que a criança seja para os pais uma fonte de prazer e felicidade, e não um foco de sofrimento e angústia, e para que isso aconteça, os pais têm de estar descontraídos.

- As nossas avós não viviam nessa angústia...

Pois não. Mas viviam num mundo em que havia três tipos de ordem: Deus, Rei e pai. Esse tipo de ordem fazia com que existisse qualquer coisa que as transcendia. Hoje todo o tipo de transcendência desapareceu, e quem ficou no lugar de Deus? A criança. Às mães que põem o filho nesse altar, eu simplifico a tarefa e digo: 'Não se cansem dessa maneira. Não se preocupem assim. Ponham-se a vocês próprias em primeiro lugar.' Claro que não é uma coisa que elas estejam habituadas a fazer, ou sequer a ouvir, mas não é por isso que não podemos dizer-lhes e não é por isso que elas vão deixar de ser capazes de o fazer. Acredito que vão ser capazes, porque é urgente: a bem das crianças, e a bem delas próprias. É preciso fazer as coisas de maneira tranquila, porque a mãe perfeita não existe, o pai perfeito não existe, a criança perfeita não existe.

- Mas as mães hoje têm uma vida tão difícil, é normal que se culpabilizem...

Não é por trabalharem fóra de casa que têm de se sentir culpadas. Peço às mães: lembrem-se do vosso primeiro amor. Quando não o viam durante três dias, morriam de saudades. Mas quando o voltavam a ver, assim que batiam os olhos nele, era como se nunca se tivessem separado. Com as crianças é exactamente igual. Quando tornam a encontrar a mãe, é como se ela nunca tivesse partido.

- Diz que os pais esqueceram o seu papel de educadores porque querem ser amados pelas crianças. Porque é que isto acontece?

Como todas as crianças, tiveram conflitos com os pais. E, como todas as crianças, amam-nos mas guardaram muitos ressentimentos. E não querem que os seus filhos tenham esse tipo de ressentimento em relação a eles. E pensam que a melhor maneira de o fazer é seduzir a criança para que ela o ame. O que é um enorme erro porque, nesse momento, a relação vertical inverte-se. A hierarquia fica de pernas para o ar, e quando isso acontece, destruímos as crianças.

- O problema é que as pessoas confundem autoridade com violência. A autoridade é fazer-se obedecer, não é dar uma palmada, que o senhor, aliás, desaprova.

Completamente! Não aprovo palmadas, sejam de que género forem, nem na mão nem no rabo. Ter autoridade não é agredir a criança. Ter autoridade é dizer: ‘Quero isto’, e esperar ser obedecido. Quero que faças isto porque eu disse, e pronto! Autoridade é só isto, é assumir o seu dever. Não vale a pena ser violento, aliás porque a criança sente a autoridade e, é quando é o pai ou a mãe não está seguro do seu poder que a criança tenta ir mais longe. Quando há uma decisão que é assumida pelos pais, ela cumpre-a.

- Uma terapeuta de casal dizia que as pessoas hoje não têm falta de erotismo, dirigem-no é todo para as crianças...

Sem dúvida e é isso que é urgente mudar. O slogan: ‘a criança acima de tudo’ deve ser substituído por ‘o casal acima de tudo’. A saúde física e psíquica das crianças fabrica-se na cama dos pais. Por que isso não acontece é que há tantos divórcios e, depois, a vida torna-se muito mais complicada para a mãe, o pai e a criança. Se elas decidem privilegiar a relação do casal, estão a proteger a criança.

- Educou os seus filhos da forma que defende?

Sim, sim, eu eduquei os meus três filhos tranquilamente. A autoridade significa serenidade, não violência. Ainda hoje, que eles já são mais do que adultos, nos reunimos às vezes para jantar. E no outro dia, falámos sobre as viagens de carro que costumávamos fazer – sempre viajei muito com eles. Quando se portavam mal, eu virava-me para trás e dizia: ‘Olhem que eu páro o carro e deixo-vos a todos aqui, na auto-estrada!’ Só há pouco tempo é que percebi que eles achavam que eu estava a falar a sério e que seria capaz de os abandonar na estrada! (ri). Tal é a força da autoridade. Mas isso não tem importância, o importante é que funcionava! (ri).

- Diz que o pai tem de ser egoísta, mas também diz que uma das tragédias do mundo moderno é a ausência do pai... Qual é, então, o papel do pai, para lá de ser egoísta?

Tem duas funções: a primeira, é a de possibilitar à mãe o exercício da sua feminilidade. A segunda, é a de se oferecer ao filho ou filha, como um escudo contra a evasão da mãe. Porque, de outra maneira, a mãe vai tecer à volta do seu filho um útero virtual, extensível até ao infinito. O pai não está presente como a mãe, mas é preciso que esteja presente.

- Mas hoje exige-se dos pais que façam uma data de coisas, que mudem fraldas, que ponham a arrotar, que ensinem karaté...

Não é preciso. Porque na cabeça das crianças tudo está muito claro: aquela que o filho ama acima de tudo é a mãe, que sempre respondeu às suas necessidades desde que estava na sua barriga. Se alguém lhe diz **não**, mesmo que seja a mãe, para ele a culpa é do pai. Ou, quando muito, da não-mãe. No inconsciente de uma criança o pai não existe. Só há a mãe. O pai tem de se construir, a bem das crianças e a bem da mãe delas.

Antes de ler este livro não tinha consciência de que as crianças estavam tão perturbadas.

Li um artigo recentemente, do director do Centro-Médico Pedagógico de Paris, que afirmava que em 2008 tinha recebido 394 novas famílias, e que a maior parte tinha problemas psicológicos. No fim da primária, 40% dos alunos ainda não dominam a língua, e isto é grave. E não porque tenham problemas físicos ou sejam burros: é porque não os sabemos educar. Mas é uma tarefa difícil, porque mesmo as instâncias governativas vão no sentido de seduzir a criança. Porque as crianças vendem, são um produto que se compra e se compara. Todo o mundo vai no sentido de deixar a criança fazer o que quer, porque é mais fácil que ela não cresça. Mas o que vai acontecer é que essas crianças, se não travadas, vão crescer e fabricar sociedades absolutamente abomináveis, onde será cada um por si, onde não haverá solidariedade.

- Nem cientistas... é o senhor quem o diz...

(ri). Apesar de tudo, estou optimista. As pessoas querem saber como podem mudar. Não sou o único a dizer estas coisas, mas digo-as de forma bruta. Tenho 40 anos de experiência com pais e crianças. E é muito fácil mudar, quando começamos a ver a lógica das coisas. Além disso, o que eu pretendo é simplificar a vida das pessoas. Não quero voltar àquilo que se fazia há um século. Não quero pais castradores.

- O que é um pai castrador?

É um pai autoritário, é um pai fraco, intranquilo, desconfortável na sua pele e na sua posição. O que eu digo é que a sua posição como pai ou como mãe está assegurada à partida. Só tem de exercê-la. Uma vez, apareceu-me uma mãe muito alarmada porque a filha não dormia. Aconselhei-a a dizer à criança, antes de dormir: ‘Podes dormir, não preciso mais de ti, hoje.’ E a criança

dormiu, a noite toda. Por isso eu digo, no fim das consultas, a todas as crianças, tenham elas , 7 ou 14 anos: ‘Muito obrigado, por me teres trazido os teus pais à consulta. Agora, podes ficar descansado, eu ocupo-me deles.’

- *O que devemos fazer...*

Palavra de ordem: não compliquem.

Segundo Aldo Naouri, o esterilizador de biberões não faz sentido, nem desinfectar o mamilo. Os biberões devem lavar-se com água quente da torneira. As náguas do bebé devem ser lavadas com água e sabão. A roupa do bebé pode ser enfiada na máquina, como o resto da roupa da casa. Em todas as idades, devem tornar-se as refeições familiares em conjunto. Um adolescente pode ir vestido da maneira que bem entender. Petiscar, no caso de um adolescente, não é de condenar, porque precisam de imensas calorias...

- *E o que não devemos...*

Rituais, antes de dormir, como a história ou a cantiga, é para irem à vida. Só servem para ritualizar o medo da criança. Deve mandar-se a criança para o quarto, e, aí, ela fará o que quiser com o seu tempo. Angustiar-nos com as horas de sono. É absolutamente necessário livrarmo-nos da obsessão do número de horas que eles dormem. Nunca, em circunstância alguma, se deve obrigar uma criança a comer. Biberão, chupeta e objectos de transição devem desaparecer antes do fim do segundo ano da criança. Bater, nunca: nem na mão, nem no rabo. Elogiar, só para coisas excepcionais... A criança não deve escolher a sua roupa, Uma ordem não tem de ser explicada, tem de ser executada. A explicação, que é dada ao mesmo tempo que a ordem, apaga a hierarquia. Se quiser explicar, só depois da ordem cumprida. A figura paternal nunca, mas nunca, tem de se justificar perante o filho.

CATARINA FONSECA

(Entrevista feita ao pediatra francês Aldo Naouri, em Fevereiro de 2010 – mas sempre actual – e publicada na Revista ACTIVA, depois da autora ter tomado conhecimento da obra EDUCAR OS FILHOS, da editora Livros de Hoje, do mesmo pediatra. Agradecemos a gentileza de Rui Marta, dirigente do C.E. ‘A Casa do Caminho’, de Lisboa, que no la enviou).

*

NATAL

Hoje é dia de Natal.
O jornal fala dos pobres
Em letras grandes e pretas,
Traz versos e historietas
E desenhos bonitinhos,
E traz retratos também
Dos bodos, bodos e bodos,
Em casa de gente bem.

Hoje é dia de Natal.

- Mas quando será de todos?

SIDÓNIO MURALHA

(In Natal... Natais, antologia de Vasco Graça Moura).

PÁGINAS DO PASSADO

O Passado presente, hoje!

Cuidai do Corpo e do Espírito

A saúde em vós.

Todos os campos que fazem o nosso invólucro terreno, são uma imensa dádiva da qual nos compete total responsabilidade ao proporcionar-lhe toda a indubitável atenção e cuidado.

Cuidai do corpo e do espírito.

Meus caros irmãos encarnados, tomai, pois, todos vós, consciência do vosso corpo, que é um vaso Divino, do qual nos compete a todos, quando aí estamos, cuidar e preservar, para que ao restitui-lo às cercanias fluídicas da própria Terra, possamos dizer ao chegar aqui: “Cuidei bem do vaso e da carruagem que me levou durante todos os anos terrenos”. A saúde em vós inicia-se nos intelectos do vosso espírito, sequioso da busca do saber e da experiência.

Os tempos e a medicina terrena têm que acompanhar as mudanças energéticas, novos vírus, ao transcender esta nova Era, no momento da transição.

Portanto, todos vós façam uma reflexão de saúde unificada, corpo e espírito. E assim, cada qual fará a sua parte, na grande reforma de regeneração de todos nós, Espíritos, no plano espiritual

e no plano físico. A saúde é essencial para que o corpo possa manifestar toda a sua expressão e, nesses novos tempos, faz-se um maior entendimento das funções energéticas e, principalmente, das que afectam o sistema nervoso parassimpático, onde as disfunções afectam as glândulas, que, por sua vez, são afectadas nos seus sistemas, causando assim enormes males.

O rancor, a mágoa e o sentimento de inveja causam perturbações no corpo físico e no espiritual, que somatiza no aparelho físico.

Caros irmãos, saúde em vós! Reflitam e amem. O amor é o grande lenitivo ofertado pelo Grandioso Médico de todos nós, JESUS CRISTO.

Muito amor para todos.

AMÉLIA CARDIA

Nota: Quando encarnada, a Dra. Amélia Cardia dos Santos Costa foi a primeira médica portuguesa a defender tese em Lisboa, tendo completado o curso de medicina em 1891. Em 1926, quando da eleição dos primeiros Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa, criada em Maio de 1925, durante o 1º Congresso Nacional de Espiritismo, fez parte da sua Junta Consultiva, tendo ainda escrito um livro “A Atmosfera da Terra”, que doou à FEP quando esta procurou angariar fundos para aquisição da sua Sede.

Esta mensagem foi psicografada em 10 de Novembro de 2013, no Salão da FEP, pelo médium José Araujo, antes da abertura do Seminário que decorreu naquele dia, sendo-nos cedida gentilmente por Victor Féria, Presidente da Federação Espírita Portuguesa, que autorizou a sua publicação na nossa Revista. A ele, os nossos agradecimentos.

UM DIA, EU TIVE UM SONHO...

Um dia, eu tive um sonho...E no sonho que sonhei, sobrevoei um local onde havia uma montanha imensa, escura, morta! Não estava morta de verdes secos... não estava morta de nenhuma queimada que tivesse estiolado o seu bojo, ou da falta da chuva bendita que lhe saciasse a sede das raízes que não se erguiam em troncos altaneiros nem em braços levantados para o céu!

Estava morta... apenas por que era uma montanha diferente, feita de metal, de ligas de diversas qualidades, de chapas pintadas em côres mais escuras umas que outras...

Por inacreditável que parecesse, os homens foram ali depositando todas as armas de ataque: as que possuíam, as que os exércitos haviam recebido, as que o comércio vendia... Todo o material bélico ali fora parar, vindo das partes mais distantes do Globo terrestre, de tal forma que, se pudessem falar, seria uma nova Torre de Babel, numa construção moderna onde cada peça se manifestaria numa linguagem diferente!

Estavam todas ali, envelhecendo, sem qualquer utilidade... talvez aguardando que algum Governo se lembrasse de as derreter a todas, transformando-as em material útil para qualquer um... talvez em objectos hospitalares ou de serventia para seres mais carentes que aproveitam o útil e não o supérfluo!

Estavam ali, envelhecendo, apodrecendo... Não se lobbriava, no meio daquela amalgama de ferros e chapas qualquer

espécie de bombas, que essas tinham sido despoletadas e lançadas no lugar mais fundo dos oceanos, ali ficando esquecidas para todo o sempre – e esquecido, igualmente, o seu significado mortífero e criminoso!

... E o entendimento fazia-se entre os povos, que se ajudavam mutuamente, todos acalentando o mesmo Ideal de concórdia e justiça, vivendo na tolerância e aceitação de uns pelos outros!

No meu sonho, as crianças que cresciam ignoravam o significado da palavra “guerra”, porque os mais velhos já a tinham meio esquecida na vida diferente que viviam... e “arma” simbolizava, apenas, um qualquer instrumento de tortura, há muito abolido e que poderia, talvez, observar-se num qualquer Museu!

... Um dia, eu tive um sonho... mas, ao acordar, a rádio noticiava mais um atentado num dos países do oriente... um novo bombardeamento... chacinas aqui e ali... e, então, eu perguntei a mim mesma que fez o homem dos ensinamentos de Jesus?, da tolerância, do Amor para que Ele nos veio despertar?!...

Bem-aventurados os pacíficos, porque eles possuirão a Terra...

Não aceito que os homens queiram continuar a nascer para se matarem uns aos outros!... Que o extermínio, o genocídio, se transformem em leis obrigatórias onde uns e outros se destroem como objectos, sem direito a defenderem o próprio direito à Vida!

Não aceito que a Missão de Jesus, ao fim de 2.000 anos, tenha de ser referida como uma utopia ou uma lenda para embalar as crianças mais inocentes – aquelas que não são capazes, ainda,

de proferir a palavra “mata”... que não sabem imitar o som da rajada de uma metralhadora a dizimar tudo o que está pela frente!

Jesus tem de ser, para cada um de nós, o Ser que veio alertar para as consequências do caminho fácil, irresponsável e atractivo que palmilhamos... que nos veio afirmar que a felicidade não é um mito porque o Pai criou-nos para sermos felizes... que a paz poderá viver nos nossos corações, quando fizermos a fraternidade entre todos!... Deus enviou-O até aos homens imperfeitos para que Ele nos falasse do Seu Amor por todos nós, suas criaturas tão imperfeitas e nos dissesse, como disse, que *o Pai nos ama de tal maneira que faz que o sol nasça sobre bons e maus e a chuva caia sobre justos e injustos!...*

... Um dia, eu tive um sonho... Ao acordar compreendi que para ele ser realidade, dependia apenas do esforço de cada um... um esforço que será mínimo quando vivenciarmos o amor uns pelos outros, como nos foi ensinado há pouco mais de dois mil anos... sem que o tenhamos ainda aprendido!

Enquanto esta realidade não chega... eu vou fechar os olhos... recordar os ensinamentos que, de há 20 séculos duram até hoje... e continuar a sonhar até que o sonho e realidade sejam uma verdade única!

... Um dia... um dia não será mais preciso sonhar!

MANUELA

HISTÓRIA DE UM PÃO

Quando Barsabás, o tirano, demandou o reino da morte, buscou debalde reintegrar-se no grande palácio que lhe servia de residência.

Viu ele, então, baixelas e candelabros, telas e jarrões, tapetes e perfumes, jóias e relíquias, sob o martelo do leiloeiro, enquanto os filhos querelavam no tribunal, disputando a melhor parte da herança.

Ninguém lhe lembrava o nome, desde que não fosse para reclamar o ouro e a prata que doara a mordomos distintos.

E porque na memória de semelhantes amigos ele não passava, agora, de sombra, tentou o interesse afectivo de companheiros de infância...

Todavia, entre estes encontrou simplesmente a recordação dos próprios actos de malquerença e de usura.

Barsabás entregou-se às lágrimas, de tal modo que a sombra lhe embargou, por fim, a visão, arrojando-o nas trevas...

Vagueou por muito tempo no nevoeiro, entre vozes acusadoras, até que um dia aprendeu a pedir na oração, e, como se a rogativa lhe servisse de bússola, embora caminhasse às escuras, eis que, de súbito, se lhe extingue a cegueira e ele vê, diante de seus passos, um santuário sublime, faiscante de luzes. Milhões de estrelas e pétalas fulgurantes povoavam-no em todas as direcções.

Barsabás, sem perceber, alcançara a Casa das Preces de Louvor, nas faixas inferiores do firmamento. Não obstante deslumbrado, chorou, impulsivo, ante o ministro espiritual que velava no pórtico.

Após ouvi-lo, generoso, o funcionário angélico falou, sereno:

- Barsabás, cada fragmento luminoso que contempas é uma prece de gratidão que subiu da Terra...

- Ai de mim – soluçou o desventurado -, eu jamais fiz o bem...

- Em verdade .- prosseguiu o informante – trazes contigo, em grandes sinais, o pranto e o sangue dos doentes e das viúvas, dos velinhos e órfãos indefesos que despojaste, nos teus dias de invigilância e de crueldade; entretanto, tens aqui, em teu crédito, uma oração de louvor...

E apontou-lhe acanhada estrela, que brilhava à feição de pequenino disco solar.

- Há trinta e dois anos – disse, ainda, o instrutor – deste um pão a uma criança e essa criança agradeceu-te, em prece, ao Senhor da Vida.

Chorando de alegria e consultando velhas lembranças, Barsabás perguntou:

- Jonakin, o enjeitado?

- Sim, ele mesmo – confirmou o missionário divino -.
Segue a claridade do pão que deste, um dia, por amor, e livrar-te-
às, em definitivo, do sofrimento nas trevas.

E Barsabás acompanhou o ténue raio do ténue fulgor que
se desprendia daquela gota estelar, mas, em vez de elevar-se às
Alturas, encontrou-se numa carpintaria humilde da própria Terra.

Um homem calejado aí reflectia, manobrando a enxó em
pesado lenho... Era Jonakin, aos quarenta de idade.

Como se estivessem os dois identificados no doce fio de
luz, Barsabás abraçou-se a ele, qual viajante abatido, de volta ao
calor do lar.

.....

Decorrido um ano, Jonakin, o carpinteiro, ostentava
sorridente, nos braços, mais um filhinho, cujos louros cabelos
emolduravam belos olhos azuis.

Com a bênção de um pão dado a um menino triste, por
espírito de amor puro, conquistara Barsabás, nas Leis Eternas, o
prémio de renascer para redimir-se.

IRMÃO X

(Psicografia do médium brasileiro, Francisco Cândido Xavier).



Á VIRGEM SANTÍSSIMA

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só de perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Oh visão! Visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

ANTERO DE QUENTAL

(In: A MÃE, na Poesia Portuguesa – uma antologia de Albano Martins, ed. Público, Comunicação Social, SA, 2006).



NATAL

25 de Dezembro de 1906.

O dia de Natal é, por excelência, o dia grande para o cristão. Não há outro maior.

Para que a natureza das coisas esteja sempre em desarmonia com a verdade delas, até o dia maior da humanidade é o dia mais pequeno do ano. É naturalmente por isso que Cristo nasceu de noite.

A noite era a maior; e Deus, nosso Pai, queria, com aquele nascimento na maior noite, dizer ao homem que era aquele Filho seu a Luz maior para dissipar a mais dilatada treva.

A civilização, feita de comodismos e vaidade, vai rindo das coisas que eram o encanto dos nossos avós, e que constituíam os mais belos reflexos da crença e do amor. Hoje, só nos recantos ignorados da nossa província se festeja sincera e devotamente a grande noite.

Só lá se reúnem os parentes ausentes, para quinhoarem a consoada, fazerem a meia noite e irem assistir devotamente ao nascimento do Menino, como se em verdade ele nascesse no humilde presbitério, caiadinho de branco e rescendendo a incenso, perdido no centro da povoação, como sentinela vigilante contra a heresia.

Lá vão todos, cantando e folgando, como quem vai para a festa maior, depois de nas suas salas e nos seus eirados, terem

passado a revista amistosa às suas famílias, deixando cair uma lágrima de saudade pelo ausente que a distância conservou afastado, ou que a morte afastou para sempre daquela consoladora cerimônia.

Ali, naquele meio, onde as filosofias ainda não chegaram, ainda não há pejo de se confessar em voz alta a crença em Deus. Não se presumirá quem seja o Deus que adoram, nem Jesus de que festejam o nascimento; mas sabem, na simplicidade da sua alma, que aquele menino que vão ver nascer, é a paz do seu lar e da sua consciência; que é por ele que ali estão reunidos, e que é com ele que se apegam nas suas dores; que é a ele que encarregam de velar pelo filho, pelo pai ou pelo irmão ausente e é dele que esperam o pão e a salvação. Às almas boas isso lhes basta. Essa fé encontraram ao entrarem no mundo, e essa fé desejam legar ao saírem dele.

Não conheci na Terra coisa tão tocante como a noite de Natal provinciana. É o momento único da família. Os ausentes, naquele momento, deixam de pensar nos seus interesses, nas suas mágoas pessoais, para enviarem um pensamento de saudade e de ternura aos seus velinhos de cabelos alvos como estrigas de linho, que naquele mesmo momento rezam por esses ausentes, alheando-se de si próprios, na magoada saudade de os não ver, e no tímido receio de que a neve, que lhes cobre os cabelos, desça ao coração sem os voltarem a abençoar em nome de Deus.

Momentos de recordação e de saudade em que os risos têm a placidez dos justos, e as lágrimas a suavidade do amor puro. Todos se lembram, todos se reúnem em pensamento, ou em corpo, em nome de Jesus, para lhe festejarem mais um nascimento.

Ali estão todos, à luz mortiça do braseiro, a recordar, a rir ou rezar, consoante o sentimento que domina a família toda, na mais tocante comunhão de afectos. E tudo suavemente, e tudo tranquilamente, como se a suavidade humilde e divina do Mestre tivesse baixado a envolver na luz morna do seu affecto aqueles que, em nome dele, ali se acham reunidos.

Nas cidades, onde o silvo do vapor, o rugido dos enormes monstros de aço e ferro, o fumo das chaminés, a celeridade do movimento, a luta pela vida, a moda da civilização, empederniu o coração humano, ou pelo menos o embotou pelo egoísmo ou o perverteu pela vaidade, não se conhecem aqueles deliciosos momentos, e alcunharam de pieguice condenável o que de bom existe no organismo humano – o sentimento.

Como eu os lamento! Como são dignos de lástima na sua ignorância ou na sua inconsciência!

Natal! Natal! Nasceu o Redentor!”

Que Ele dê a paz ao mundo, e a ti, meu querido amigo, a luz à tua alma e a paz à tua vida!

JÚLIO DINIS, Espírito

(In: Do País da Luz, volume I, capítulo XXXI, na psicografia do médium português, Fernando de Lacerda).

*A todos os nossos Amigos,
Irmãos,
Leitores, e Familiares,
desejamos
que o Natal que já se anuncia,
vos traga,
com o nascimento que do Menino
se comemora,
a Paz, a Esperança... o Amor!
Que cada um
O sinta em si, porque
NATAL é sempre que o Homem
Quiser!
Feliz Natal para todos!
... e que
O ano que logo começará
Seja para cada um
Aquilo
Que cada um deseja!
Boas Festas para todos!*

QUANDO ME AMEI...

“Quando me amei de verdade, passei a saber qual era o meu objectivo e a afastar-me suavemente das distrações.” – KIN & ALISON MCMILLEN.

Não vale a pena negarmos : somos “rato de biblioteca” e em qualquer oportunidade que encontremos, lá estamos caídas num qualquer local, mexendo em livros, consultando, lendo, adquirindo, pesquisando... e, na nossa última ida ao Brasil, numa dessas “excursões” pelas livrarias, encontrámos um livrinho pequenino que folheámos e adquirimos: ‘Quando me amei de verdade’.

Este título fez-nos lembrar, de imediato, aquelas pessoas que não amam ninguém, porque não conseguem amar-se a si próprias! E, embora, por vezes, nos afirmem que tal deve ser quase

impossível, o caso é que elas existem, vivem, ombreiam conosco, mas não conseguem perceber o que se passa... nem com elas nem com ninguém!

Vêem uns e outros afastarem-se, sentem a solidão provocada pela falta de companhia e de amigos, lamentam-se, mas mantêm a mesma conduta que as isolam dos restantes, seja no dia a dia, seja durante as férias ou numa viagem que façam.

Se nos aproximarmos e tentarmos conversar, dão-nos poucas palavras, mas, ao mesmo tempo, fazendo-nos sentir que se sentem vítimas das situações: “os outros” é que são os culpados de estarem sós!

Na frase que escolhemos para abrimos este texto, o tema é o mesmo e é-o porque, muitas vezes, uns e outros penetram em determinados ambientes de que saem ao fim de um tempo maior ou menor, porque o ambiente não lhes agradou; afirmam para si próprias, já que não terão ninguém com quem falar a propósito, que ali não voltarão...e, passadas algumas semanas, senão dias, lá estão de novo, para de novo saírem, criticarem e voltarem a cair!

Isto é um exemplo simples do que se pode passar com aqueles que, desamados de si próprios, não procuram, entretanto, mudar a sua conduta nem aproximarem-se de uns e outros, criando companhias e ou amigos que lhes agradem e com elas afinizem. É como se passassem a vida de braços cruzados, à espera que alguém lhes descruze porque o esforço de o fazerem de *motum-próprio* é demasiado.

Ainda aqui, a Doutrina dos Espíritos é um ensinamento maravilhoso já que nos ensina que ninguém deve ser “uma ilha”, mas antes, tentar ser “um continente”. Estamos na Terra para nos

aperfeiçoarmos e, nos itens desse aperfeiçoamento consta, também, a “obrigatoriedade”, de assim podemos dizer, de procurarmos aproximar-nos uns dos outros, não só para aprendermos o que cada um terá para nos dar dos seus exemplos e/ou conduta, mas também e principalmente porque existe uma Lei divina, que vive connosco, permanente mente na nossa consciência e que, dentre muitas outras coisas, nos lembra que devemos amar o próximo como a si mesmo.

Aprender a amar-nos significará descobrir Deus em nós... e sabermos-nos uma partícula divina deve ser, - é-o com certeza – a nossa maior realização pessoal, porque tudo o resto é – será – apenas um acréscimo na conduta de cada um!

Então, para que tal aconteça, temos que começar por alguma coisa e essa será, sem dúvida, a de nos amarmos a nós mesmos.

É fácil, quando queremos ser felizes! Começando a analisar o que nos serve e o que nos incomoda, o que gostamos e o que não nos interessa, vamos pondo de parte as coisas que nada nos dizem; fazendo-o, começamos, sem nos apercebermos, talvez, a construir a nossa própria personalidade, o nosso ser... e firmes, cada um, na sua posição, deixará de haver a preocupação do que os outros possam pensar a nosso respeito; tendo a consciência de não estarmos a agir errado, seja em função do que sentimos e queremos, seja ainda (e principalmente na nossa opinião) em função das leis morais que regem a humanidade, todas elas baseadas na Moral Crística, seja em função do que nós próprios desejamos. Assim, seremos capazes de procurar as pessoas, com elas conviver e relacionarmo-nos, ainda que levemos o nosso tempo a fazer de umas e outras as nossas amigas.

Amemo-nos, então, a nós próprios e seremos capazes de amar o nosso próximo; quando assim fizermos, passaremos a compreender que o próximo do nosso próximo é nosso próximo também... e aperceber-nos-emos que já ampliámos tanto o nosso amor que ele passou a abranger a toda a humanidade!

MANUELA VASCONCELOS

AO SENHOR DA BOA PASSAGEM...

Lá dos tempos remotos do Passado,
Só Tu sabes dizer-me de onde vim.
Criador dos destinos, do meu fado,
Em Ti está o meu princípio e o meu fim.

Cada hora que chega na viagem,
Eu parto, porque há além novos espaços.
E Tu estás aqui p'ra que a passagem
Comece e acabe à sombra dos Teus braços.

Na Galileia, o que disseste outrora
É luz para todos nós ainda agora.
Sei bem que apenas Tu és o caminho.

Mas quando é nuvem negra o temporal,
Não vendo onde está o bem e onde está o mal,
À Tua guarda entrego o meu barquinho.

RODRIGO DA CUNHA (Padre)

(In: GAIA, MEU CORAÇÃO, ed. Oficinas Gráficas da Editorial Franciscana, Montariol, Braga, 1987).

MENSAGEM DE BEZERRA

(Nem tudo é mau na Internet, que muitas vezes faz que cheguem até aos seus navegadores palavras e imagens maravilhosas que nos acalentam e incentivam. Foi o que aconteceu com a Mensagem do Espírito Bezerra de Menezes, recebida em meados de Agosto de um amigo que nos quis agradecer... Partilhamos, assim, com todos os nossos leitores, as palavras do Espírito querido e Mentor da nossa Casa).

Cristãos Decididos

... Estamos sendo convocados pelos Espíritos nobres para sermos os lábios pelos quais a palavra de Jesus chegue aos corações empedernidos.

Estamos sendo convocados para sermos os braços do Mestre, que afaguem, que se alonguem na direcção dos mais aflitos, dos combalidos, dos enfraquecidos na luta.

Estamos colocados na postura do bom samaritano, a fim de podermos ser aquele que socorra o caído na estrada de Jericó da actualidade,

Nunca houve na história da sociedade terrena tantas conquistas de natureza intelectual e tecnológica!

Nunca houve tanta demonstração de humanismo, de solidariedade, tanta luta pelos direitos humanos!

É necessário, agora, que os cristãos decididos arregacem as mangas e ajam em nome de Jesus.

Em qualquer circunstância, que se interroguem: - em meu lugar, que faria Jesus?

E faça-o, conforme o amoroso Companheiro dos que não têm companheiros, o faria.

Filhos da Alma!

Estamos saturados de tecnologia de ponta, graças à qual as imagens viajam no mundo, quase com a velocidade do pensamento, e a dor galopa desesperada o dorso da humanidade em desalinho.

O Espiritismo veio como Consolador, para erradicar as causas das lágrimas.

Sois os herdeiros do Evangelho dos primeiros dias, vivenciando-o à última hora.

Estais convidados a impregnar o mundo com ternura, utilizando-vos da compaixão.

Periodicamente, neste Planeta de provas e expiações, as mentes em desalinho vitalizam microorganismos viróticos que dão lugar a pandemias destruidoras.

Recordemo-nos das pestes que assolaram o mundo: a peste negra, a peste bubónica, as gripes espanhola, a asiática e a deste momento de preocupações, porque as mentes dominadas pelo ódio, pelo ressentimento, geram factores propiciatórios à manifestação de pandemias desta e de outra natureza.

Só o amor, meus filhos, possui o antídoto para anular esses terríveis e devastadores acontecimentos, desses flagelos que fazem parte da necessidade da evolução.

Sede vós aquele que ama.

Sede vós, cada um de vós, aquele que instaura o Reino de Deus no coração e dilata-o em direcção da família, do lugar de trabalho, de toda a sociedade.

Não postergueis o dever de servir para amanhã, para mais tarde. Fazei o bem hoje, agora, onde quer que seja necessário.

As mães afro-descendentes, as mães de todas as raças, em um coro unísono, sob o apoio da Mãe Santíssima, oram pela transformação da Terra em Mundo de Regeneração.

Sede-lhes filhos dóceis à sua voz, quão dócil foi o Crucificado Galileu que, ao despedir-se da Terra, elegeu a Mãe do

Evangelista do Amor por extensão, a Mãe Sublime da Humanidade.

Muita paz, meus filhos.

Que o Senhor de bênçãos nos abençoe.

O Servidor humilde e paternal de sempre,

BEZERRA

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco no Rio de Janeiro, no final da conferência pública em torno da maternidade e realizada no Grupo Espírita André Luiz na noite de 13 de Agosto de 2009).



OPORTUNIDADE

*“Disse-lhes, pois, Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo está pronto.”-
(JOÃO, 7 : 6).*

O mau trabalhador está sempre queixoso. Quando não atribui sua falta aos instrumentos em mão, lamenta a chuva, não tolera o calor, amaldiçoa a geada e o vento.

Esse é um cego de aproveitamento difícil, porquanto somente enxerga o lado arestoso das situações.

O bom trabalhador, no entanto, compreende, antes de tudo, o sentido profundo da oportunidade que recebeu. Valoriza todos os

elementos colocados em seus caminhos, como respeita as possibilidades alheias. Não depende das estações. Planta com o mesmo entusiasmo as frutas do frio e do calor. É amigo da Natureza, aproveita-lhe as lições, tem bom ânimo, encontra na aspereza da sementeira e no júbilo da colheita igual contentamento.

Nesse sentido, a lição do Mestre reveste-se de maravilhosa significação. No torvelinho das incompreensões do mundo, não devemos aguardar o reino do Cristo como realização imediata, mas a oportunidade dos homens é permanente para a colaboração perfeita no Evangelho, a fim de edificá-lo.

Os cegos de espírito continuarão queixosos; no entanto, os que acordaram para Jesus sabem que a sua época de trabalho redentor está pronta, não passou nem está por vir. É o dia de hoje, é o ensejo bendito de servir, em nome do Senhor, aqui e agora...

EMMANUEL

(In: CAMINHO, VERDADE E VIDA, Psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo 73, ed. FEB).



NO ESFORÇO CONJUNTO, A VITÓRIA DE TODOS

Vigorous exemplo de om senso nos deu o Cristo, ao compor o colégio apostólico. Detendo o poder absoluto e exercendo enorme fascínio sobre as multidões, poderia ter dispensado o concurso de seres falíveis na tarefa de expansão da Boa Nova, mas não o fez. Convocou auxiliares e organizou interesses, para preservar os imortais objectivos de sua passagem pelas intrafegáveis vielas do espírito humano.

O Movimento Espírita não pode destoar desta linha de princípios. Ou se organiza em bases sólidas e lúcidas ou perecerá no marasmo das improvisações.

Viverá de topadas, submerso nos constrangimentos gerados por um crescimento desordenado, se aqueles que o integram não se valerem da bênção da razão que se sustenta, obrigatoriamente, na Codificação Kardequiana.

Precisamos organizá-lo, educando o espírita para a vitória de todos, a fim de que a bandeira alvinitente da nossa Doutrina possa tremular, sinalizando o caminho da redenção planetária.

Sem esforço organizado, tudo acaba onde começa a derrota dos ideais mais santos.

Os mecanismos refluem, obstando a passagem da Luz.

Nas actividades terrestres, as empresas que produzem e mantêm o progresso, que felicita a vida, investem fabulosas somas na estruturação de seus propósitos, na antevisão do lucro amoedado.

Embora o nosso lucro seja tão somente de ordem espiritual, não podemos prescindir dessa mesma logística, que nos solicita investimentos no campo da humildade consciente e do trabalho constante, da nossa reforma íntima e da confraternização legítima, a fim de que não crepita a fogueira mentirosa das vaidades, que tantos óbices criam ao avanço da Mensagem Consoladora.

Por isso, sempre é aconselhável que leiamos, tantas vezes quantas necessárias, a página “Obreiros do Senhor”, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XX.

Nela, o Espírito de Verdade, faz graves advertências aos que se encontram no Movimento em busca de poder e projecção, magoando seus semelhantes, esquecidos de que “Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente.”.

MUNDO ESPÍRITA

(In: página ‘Editorial’ do Jornal ‘Mundo Espírita’ da Federação Espírita do Paraná, Curitiba, de Agosto de 2009, de onde o transcrevemos com a devida vénia, dada a importância e similitude que nele encontramos com o Movimento Espírita Português).

*

CRIADOR

Quem foi o grande pintor
Que pintou o azul do céu,
A imensidão do mar
E de branco a espuma das ondas
Quando brincam de enrolar?

Quem esculpiu vales e montes,
Leitos onde correm os rios,
A foz onde vão desaguar?
E a água pura, e as fontes?

Quem pintou a primavera
Toda do verde da esperança,
O Maio repleto de flores,
O Verão em tons de fogo,
O Outono em múltiplas cores,
O Inverno com a brancura da neve?
Qual o pintor que se atreve
A pintar o arco-iris
Sem pincel, nenhuma tinta,
Qual o artista que pinta?
Quem será este pintor?
Músico, agricultor, arquitecto,
Escultor, escritor, enfim...
CRIADOR
Que criou o Universo
E que também me ajudou
A escrever os versos meus?
Foi o Pintor do Amor
E a quem eu chamo Deus!

IRENE LAMOLINAIRIE

(In: NA MESMA VIAGEM, poemas de I.L. e M^a Georgina Pontes).

PÁGINAS DO PASSADO

O valor de um país é proporcional ao valor moral e intelectual dos seres que o constroem e não segundo as convenções e conveniências sociais.

Toda a criança que nasce necessita de mentores, mas a maioria dos pais necessitam, igualmente, de quem os eduque. Um pai ou uma mãe dão a uma criança a educação que receberam ou que pela vida fora adquiriram. Se adquiriram uma educação deficiente, eivada de defeitos, como poderão dar aos seus filhos uma educação irrepreensível? E os filhos que não tiveram pais que os educassem, quem deveria contribuir para a formação do seu Espírito, para se tornarem úteis a si mesmo e à sociedade em que vivem?

Uma criança é um mundo cheio de incógnitas e o mundo que a recebe observa que elas diferem umas das outras. Jamais um ser humano é produto do meio em que vive, mas sim um ser que se adapta, tanto ao ambiente da Verdade como ao da mentira; tanto ao bem como ao mal, mas mais ao mal porque já traz em si as negatividades do Passado e vem precisamente ao mundo para uma regeneração, através de todos os sofrimentos, conforme o seu grau evolutivo.

Pode trazer em si o repúdio da mentira, mesmo que a mentira lhe seja ministrada através de uma falsa educação ou so meio ambiente em que vive. Outro tanto se dá quando a criança traz em si tendências de grandes negatividades, cujo ambiente em que vive se lhes torna igualmente hostil, mesmo que seja educada em ambiente de moral elevada, em internatos ou externatos apropriados aos que tenham recursos monetários.

É evidente que, numa sociedade onde se ministra a educação, de harmonia com os recursos que se possuam, tem que haver a escória dessa mesma sociedade, que não atingiu ainda nem

conhecimentos nem a moral das pessoas mais endinheiradas. No entanto, tanto uns como outros, ficam sujeitos às mesmas leis que, transgredidas por falta de educação e de conhecimento, os poderá lançar na marginalidade.

Por vezes, dá-se o contrário: são aqueles que tiveram melhores princípios, por uma educação reputada de superior, que virão a ser condenados pelas transgressões das leis humanas e das leis divinas...

Essas crianças serão os homens do futuro, virão certamente a tornarem-se julgadores daqueles que contribuíram para o seu nascimento e se não adaptaram, na vida, a um novo sistema de compreensão dos porquês das desigualdades, em tudo vê maldade, mentira e injustiça.

Não serão também eles, como filhos dos actos pecaminosos, que virão num futuro mais ou menos próximo a contribuir para que o mundo continue no mesmo caos, na mesma devassidão, onde predomina a loucura e o imperativo dos mais arrojados que a sociedade condena e os homens consentem?

De todo o mundo chegam até nós, como um desfiar de contas, as mais trágicas notícias de loucura e de tragédias, provando-nos que os homens não se entendem e não conseguem resolver os problemas em que vivem. Pensa-se em guerras, em armamentos, em mísseis teleguiados, em poderosos engenhos destruidores do género humano. Dá-nos a impressão que o orbe terráqueo está a ser ultrapassado por uma terrível onda de loucura. Loucos de todas as categorias sociais se aproveitam dessa onda para saciar seus apetites e suas ambições. Uns fazem vaticínios pelo desenrolar dos acontecimentos, não prevendo que o mundo caminha, a passos de gigante, para o maior de todos os cataclismos. Outros formam

planos maquiavélicos para melhor poderem atropelar os direitos das gentes. Um sem número de barbaridades se vão engendrando, no dia a dia, constituindo tudo isto uma verdadeira loucura de onde todos pretendem sair sem responsabilidades.

Neste conjunto de circunstâncias, que seremos todos nós, loucos ou criminosos quando pelos nossos espíritos perpassam pensamentos malévolos para com os nossos semelhantes?

Se a loucura nos desse para beneficiar a humanidade não poderíamos transformar o mundo num paraíso?

Os criminosos atacados de loucura são considerados irresponsáveis. Talvez, por isso, ninguém se salve da grande vaga de loucura que invade o mundo. Todos se querem tornar irresponsáveis mas, na verdade, a responsabilidade é colectiva.

Todo o crime tem responsabilidade, quer ele seja praticado ou sofrido por um louco quer seja por um clarividente. E essa responsabilidade, no geral, recai sempre naqueles que se julgam isentos dela. A consciência será sempre o melhor juiz. Ela despertará.

Se houvesse mais fraternidade, mais humildade e mais solidariedade haveria menos irresponsabilidade e menos crimes no mundo. Haveria menos revoltados e mais respeitadores dos direitos dos outros, porque todos somos cidadãos da mesma região, da mesma Pátria, do mesmo mundo que é a grande Pátria que acolhe todos os seres humanos.

As crianças necessitam de quem as eduque, não importando quem seja o pai, o padrasto ou o professor. Distribuem o seu amor

por todos os que lhes dão carinhos e dedicam-se a quem os educar e os saiba conduzir, com amor, à idade da compreensão.

Há pais que o não sabem ser e há indivíduos que, não tendo filhos, amam as criancinhas na sua candura, na sua beleza, na sua espontaneidade, na sua sinceridade e na sua beleza espiritual. Por isso Jesus as colocou como padrão entre os homens. Embora amigo do lar, dedicado à família, encaramos a palavra família num sentido mais lato da palavra, vendo na humanidade uma só família que, sujeita à grande Lei da evolução, terá necessariamente que submeter-se a leis conhecidas umas e outras ignoradas, do Grande Legislador que, como Pai amantíssimo, a todos distribui, por igual, o Seu Infinito Amor.

Nunca soubemos o que significa ser pai, mas tivemos a felicidade de não nos faltar um lar e uma família a quem nos dedicámos como qualquer criança. Mais tarde virámos a compreender que a palavra família teria um sentido mais lato do que aquele que a sociedade reporta como família consanguínea. Toda a humanidade é constituída por uma só família e é, muitas vezes, fora da família consanguínea que se encontram as maiores amizades. Na verdade, a família, como célula da sociedade, deveria constituir ambiente de paz e de harmonia, mas é precisamente onde esses dois predicados não existem. Há pais que repudiam os filhos, e filhos que odeiam os próprios pais. Há irmãos que não se podem ver uns aos outros, etc.. Qual o motivo da existência destas anomalias? Será a falta do dever das pessoas que constituem o agregado familiar? E se na verdade essa falta existe pelo não cumprimento dos deveres de uns para com os outros, que motivos próximos ou ancestrais contribuem para que assim seja? E quando os familiares se dão bem porque é que existem os sentimentos negativos que tornam a família num

aglomerado de egoístas que nos faz pensar só em nós e nos nossos?

Deus escreve sempre direito por linhas sinuosas, portanto o facto de determinadas crianças serem sacrificadas com provas duras para a precocidade das suas idades é sempre um benefício, porque Deus sabe o que faz.

As coisas estão marcadas pelo próprio destino de cada um e nada se processa ao acaso.

EDUARDO FERNANDES DE MATOS

(Transcrito do livro de sua autoria “O que é o destino?...”, capítulo ‘Filhos sem Pais nos Destinos Humanos’).



O homem tem outro destino que não o dos animais; por que, pois, querer sempre identificá-los? Para ele, há outra coisa além das necessidades físicas: há a necessidade de progresso. Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais: eis porque eles constituem uma lei natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos. - (In: O LIVRO DOS ESPÍRITOS – resposta à Questão n.º. 774 sobre os ‘Laços de Família).

